

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 75 — Domingo, 14 de Novembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias — Preço 4\$00

AVENÇA

UMA VELHA E MUITO JUSTA ASPIRAÇÃO

"ESTUDAMOS A CONSTRUÇÃO DE UM BAIRRO PARA PESCADORES EM MONTE GORDO"

— declarou o sr. Comandante

Henrique Tenreiro

NO nosso número do domingo passado, aludindo à obra verdadeiramente notável levada a efeito, em todo o litoral português, do Minho ao Algarve, pela Junta Central da Casa dos Pescadores, com a construção de bairros para estes trabalhadores do mar, perguntávamos: Quando será a nossa vez? Precisamente no mesmo dia, no brilhante discurso que proferiu no acto inaugural do Bairro de Pescadores de Albufeira, o sr. comandante Henrique Tenreiro, deputado pelo Algarve e ilustre presidente da Junta, satisfaz a nossa curiosidade, de uma forma que nos é particularmente grato registar. «Estudamos a construção de um bairro de pescadores em Monte Gordo, que é velha e muito justa aspiração local» — declarou o distinto oficial da nossa Armada, que tanto se tem distinguido pela forma notável e dedicadíssima como busca solucionar os problemas dos trabalhadores, procurando o bem-estar de todos os que

conquistam, dignamente, o pão nosso de cada dia.

São, ainda, do mesmo discurso, as seguintes afirmações:

«Até este momento, a Junta Central, a que presido, já promoveu a construção de quase 1.700 moradias, em contraste com os velhos tugúrios dos «lobos do mar», de quem todos falavam no passado, com mais ou menos literatura, mas de quem ninguém queria saber.

No entanto, pelo escrupuloso amor que tenho à verdade, tenho de dizer que a obra está incompleta, e que nos encontramos bastante longe, ainda, do objectivo a atingir. São necessárias, pelo menos, 4.000 moradias para os nossos pescadores. Só depois delas concluídas, poderemos estar satisfeitos e pensar noutras realizações.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Comandante Henrique Tenreiro

AINDA O "RÁPIDO" DO ALGARVE

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO e o sotavento algarvio

CONTINUAM PREJUDICADOS PELA DECISÃO DA C. P.

DO nosso estimado colega «Diário Popular», permitimo-nos transcrever o segundo artigo do correspondente daquele jornal nesta vila e nosso querido amigo e colaborador, sr. Fernando Moraes Rodrigues, em que versa a supressão da partida do comboio semidirecto, desta vila para Lisboa.

«Noticias do Algarve, na sua qualidade de porta-voz dos interesses da nossa terra, associa-se aos protestos levantados por todos os vilarealenses, manifestando o seu acordo com os argumentos do articulista, nos artigos transcritos.

«Com a entrada em vigor dos novos horários de comboios, aumenta o descontentamento, em toda a região sotaventina do Algarve, por motivo da inexplicável supressão do comboio semidirecto entre Lisboa e Vila Real de Santo António, cuja partida passou a fazer-se de Faro, com o término nesta mesma cidade, no seu percurso descendente, conforme noticiámos há dias. Com efeito, com tão peregrina alteração de roteiro, resulta grandemente prejudicada a zona mais populosa desta província, que, justamente por ser também a mais comercial e industrial, utiliza com mais frequência a citada composição, denominada «rápido do Algarve», talvez por eufemismo ou por não haver outro meio de transporte mais veloz. Alega-se o mau estado da ponte metálica de Tavira, como possível justificação, mas é fácil de verificar que tal argumento não colhe, visto manterem-se neste trajecto dois comboios (cor-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

DE VEZ EM QUANDO...

AINDA A FAMÍLIA

Por TRINDADE E LIMA

E AQUI volto eu a bater, nesta tecla, que devia emitir sons harmoniosos e de onde saem notas tão desagradáveis.

Sem famílias sãs não pode haver sociedade sã, e não é com estes conluios sem base, que se assemblam a coitas de irracionais, que se encontram ao acaso e ao acaso fazem o seu acochego, que se pode ter uma sociedade moral.

Se o homem é a trave do lar, a sua maior firmeza, a mulher é sem dúvida a luz e o calor de

onde irradiam a palavra que consola, a alegria que anima, o exemplo que une e fortifica. Ela é a espiritualidade.

E nestas fugas, porque ela vai sempre fugida, como acontece a quem foge, tropeça e cai, e quando se levanta, se se levanta, vem sempre entameada.

Desfeita, em regra por actos brutais, a sociedade mal formada, a ela só lhe resta o direito — quando esse ainda lhe resta — de pedir a seu amo as solda-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A indústria A propósito do elevado preço da cortiça e das dificuldades da indústria rolheira, o «Diário do Alentejo» publicou um artigo, do qual extraiamos a seguinte passagem:

«É por todas estas razões que, enquanto se nota um certo entusiasmo pela surpreendente valorização da cortiça nos montados, considerando-se o facto da maior importância económica no sector da produção agrícola nacional, esse mesmo entusiasmo não se verifica no respectivo labor industrial, que antes se manifesta inquieto quanto ao futuro da indústria rolheira e ao seu aspecto social. Para melhor se compreender a situação, bastará dizer-se que, mesmo em face da euforia em redor dos

altos preços da cortiça em bruto, grande número de fábricas rolheiras, sobretudo no centro e no sul do País, não podem manter os seus operários com semanas inteiras de trabalho, evidentemente porque os pedidos dos mercados estrangeiros, nem em quantidade, nem em preços, são animadores.»

A pesca no O rendimento da pesca, no mês de maio, foi de 3.982.490\$00, segundo o «Boletim Informador da Lotaria e Porto de Vila Real de Santo António». A indústria local adquiriu cerca de 500 toneladas de sardinha, com as quais deve ter fabricado umas 23.000 caixas de conserva. A indústria de Olhão e de Tavira comprou umas 490 toneladas. Não entram em conta nestes números o biqueirão nem a sardinha vendida para consumo, e que totalizou mui-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

"O ECO DE ESTREMOZ"

NO passado dia 7 deste mês, comemorou o seu 45.º aniversário o nosso prezado colega «O Eco de Estremoz», semanário noticioso, literário e regionalista.

Cumprimentando o seu distinto director, sr. Adriano da Conceição Mota, felicitamos sinceramente aquele semanário e todos quantos nele trabalham, por tão auspiciosa data.

ERNEST HEMINGWAY E O PRÉMIO NOBEL

Por N. RODRIGUES PENA

MAIS uma vez foi atribuído o Prémio Nobel. Independentemente da fama e glória que traz aos laureados, o montante do prémio é uma soma respeitável. Os prémios literários, como aliás todos os concursos, assemelham-se muito ao jogo da lotaria e um pouco de sorte ou favoritismo determinam, quase sempre, a escolha. Na imprensa já se descreveram alguns dos mistérios que envolvem a atribuição do Prémio Nobel, e as coisas que então se disseram nada dignificam a Academia Sueca encarre-

gada de o distribuir. Desde a pressão diplomática ao esvoaçar de mulheres bonitas a insinuarem-se no espirito e vontade dos conspícuos académicos — todos os processos de «chantage» são bons para influenciarem uma decisão. Desta vez, pelo menos, a lotaria coube a um literato conhecido, a um romancista e contista de categoria universal: o sr. Ernest Hemingway. No ano passado, a roda da fortuna coube a Sir Winston Churchill. Ninguém conhecia o sr. Churchill como escritor, embora todos tivessem conhecimento dos volumes das suas memórias, traduzidas em todas as línguas, mas a poucos ocorreria que isso lhe proporcionasse tão avantajado prémio. O sr. Churchill tem um passado longo e brilhante, é uma estrela política de primeira grandeza, no firmamento mundial, e se a Academia Sueca pretendesse homenagear um homem como Churchill, poderia fazê-lo, sem lhe atribuir um prémio literário — coisa paradoxal — já que não faltam no nosso mundo escritores que o mereciam com mais justiça.

A surpresa resultou, pois, do desconhecimento do público da personalidade literária do sr. Churchill, quando, na verdade, se conhecia Churchill como grande chefe político, membro influente do grupo «tory», homem feroso e intrépido, aspectos diversos da mesma personalidade que, contando alguns erros na sua vida política, mereceu os aplausos pela acção desenvolvida nos anos

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

100 milhas por hora

Dizia-me aquele angustiado: «Acredite, não há infelicidade maior. Tão curta a vida, o que seria lógico? Que a vivéssemos bem. Pois não, senhora! Veja o que acontece comigo: saio de casa às 8 da manhã. Volto, num pulo, para comer. Torno a sair, para regressar à meia noite. E isso tudo para quê? Para ganhar o pão, o amargo — ah, sim! — o amargo pão. É uma luta. E muitas vezes, pergunto a mim mesmo onde está o sentido desta luta, como quem navega a 100 milhas por hora e não sabe a que porto se dirige...»

A propósito

Na verdade, viver sem um sentido é coisa que não tem sentido. Alguém disse: viver é já um sentido. Aquele já é que me parece a mais. Dá a ideia de consolidação ao que viveu sem sentido: viver já é um motivo para viver... Eu, humildemente, discordo. E escreveria assim: Viver é um sentido. Mas viver...

P. S.

Está certo. Viver é um objectivo de quem vive. Para alguns. Para outros, o objectivo é não deixar viver...

O pavor não resolve

Contam os jornais, de vez em quando, factos que demonstram os estragos causados pela pricose da guerra.

A angústia, o pavor de uma nova catástrofe, trazem uma insegurança, em cujo ventre se gera a possibilidade dessa mesma catástrofe. A insegurança, inimiga do bom senso, eis o mais perigoso. Porque temer as catástrofes não é bastante. Nem é bastante odiá-las. A opinião

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Mário Santos Martins

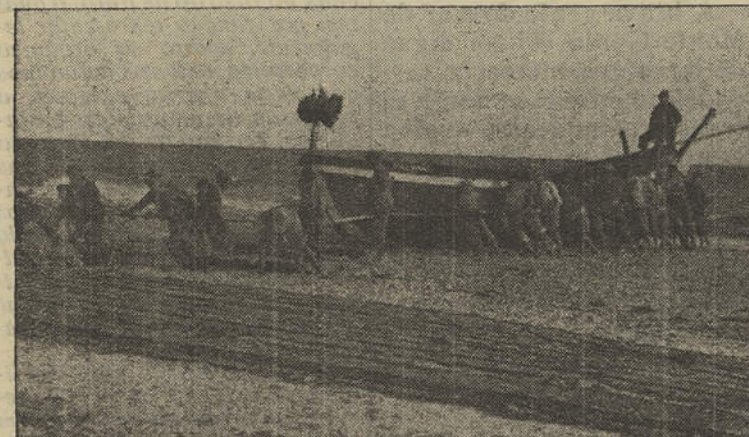
ESTEVE nesta vila, durante alguns meses, em serviço de inspecção na agência local do Banco Português do Atlântico, o sr. Mário dos Santos Martins, pessoa de fino trato, que grangeou, nesta vila, gerais simpatias e muitas amizades, tendo retirado para o Porto, no passado dia 13, acompanhado de sua esposa, a fim de reocupar as suas funções na sede daquele Banco.

A "última" da C. P....

TRÂNSITO INTERROMPIDO

É FORA de dúvidas que o serviço de automotoras, montado ultimamente pela C. P. no Algarve, veio resolver esplendidamente as necessidades ferroviárias da província. E os algarvios reverenciam, agradecidos.

Mas... como há males que vêm por bem — também sucede o contrário. E o caso é que o desenferrojamento a que se submeteu a linha do Algarve, pelo trânsito mais intenso, criou um problema: o das passagens de nível, pelo tempo excessivo que se conservam fechadas. As «bichas» que se faziam às portas das mercearias, no tempo da guerra, passaram a fazer-se agora, com veículos, nas malfadadas passagens, com transtornos e arrelias para quem necessita de ir à sua vida, sem poder «secar» tem-



Pescadores de Monte Gordo

UMA CONFERÊNCIA NA CASA DO ALGARVE

ALGUNS COMENTÁRIOS

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

REALIZOU-SE, na noite de 4 de Novembro, na Casa do Algarve, a conferência do sr. Celestino Marques Pereira sobre «A sociologia no desporto», que indevidamente fora anunciada como estando sujeita ao tema «O socialismo no desporto».

Na presidência da mesa, encontrava-se o Director Geral dos Desportos e Educação Física, coronel Sacramento Monteiro que, no final da sessão, pronunciou algumas palavras de elogio ao trabalho do conferente, afirmando ver nele um conjunto de ensinamentos altamente útil aos dirigentes do desporto, que tão aliados andam das questões de princípio.

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS E PINTURAS INFANTÍLS NA CASA DO ALGARVE

SERÁ inaugurada, no próximo dia 15, na Casa do Algarve, em Lisboa, uma exposição de desenho e pinturas infantís algarvias. Trata-se duma realização de grande interesse, quer no aspecto artístico, quer pela finalidade científica, de estudo da personalidade da criança, em especial a da nossa província, que presidiu à escolha dos trabalhos expostos.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

E' nossa convicção que o desporto, sózinho, não é susceptível de alterar profundamente a sociedade, a menos que seja acompanhado, nesse esforço, por outros factores fornecidos pelas várias ciências sociais, em primeiro lugar os de carácter económico, que são os mais gerais e, também, os mais simples da vida colectiva.

Um grande sociólogo disse algures:

«Suprimam a vida económica das sociedades, e tudo se desmorona: a vida afectiva e familiar, a vida artística, a vida moral, o próprio direito não tem razão de ser

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila, com pouca demora, acompanhado de sua esposa e sogros, o nosso prezado amigo; sr. dr. José Gonçalves Faguhla, distinto médico em Beja e presidente da Junta de Província do Baixo Alentejo.

Encontra-se em Aveiro, em casa de sua família, a sr.ª D. Maria das Dores Guerreiro Domingues, esposa do nosso prezado assinante, sr. Artur Bento Domingues.

Com sua esposa, esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso conterrâneo, sr. João Plácido da Silva Negrão, funcionário superior da C. P., residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Miguel Socorro Domingues, funcionário do Banco Português do Atlântico, em Faro.

Em gozo de férias, encontra-se em Évora, com sua gentil filha, o nosso prezado amigo e assinante, sr. tenente João Miguel.

Em viagem de recreio, seguiu, há dias, para o norte do País, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Jorge Ponce Medeiros, acompanhado de sua esposa e gentil filha.

Retirou para Lisboa, acompanhada de seu filho, a sr.ª D. Maria Leonilde Pinheiro Santana Silva, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. Tomás Santana Silva.

De visita a sua família, encontra-se em Portimão a menina Rita Ramalheira Calafate, filha do nosso prezado assinante, sr. Manuel Calafate.

Pedido de casamento

Em Coimbra, no dia 6 do corrente, foi pedida em casamento, pelo Director do Distrito Escolar de Faro, sr. Virgílio Ferreira Faguhla e sua esposa, sr.ª D. Ana de Oliveira Serejo da Silveira Faguhla, para seu filho, o sr. dr. Jorge Manuel de Oliveira Faguhla, a sr.ª dr.ª D. Maria Isabel Pais da Silva, gentil filha do abastado comerciante, daquela praça, sr. Manuel da Silva e da sr.ª D. Silvina Pais da Silva.

Em casa dos pais da noiva, foi servido um fino copo de água, para festejar o acontecimento e a recente formatura, pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, dos respectivos noivos.

Doentes

Pelo prof. dr. Bissaia Barreto, no Hospital da Universidade de Coimbra, foi operado, com bons resultados, o sr. Carlos Alberto de Oliveira Faguhla, professor em Loulé e filho do Director Escolar de Faro.

Na Casa de Saúde de Faro, foi, pelo distintíssimo médico-cirurgião, sr. dr. António Henrique Balté, submetida a uma nova intervenção, que decorreu com muita felicidade, tendo já recolhido a sua casa onde se encontra bastante melhor, a sr.ª D. Silvina Davim Lyster Franco, esposa do sr. dr. Mário Lyster Franco, ilustre director do nosso prezado colega «Correio do Sul».

Visado pela Comissão de Censura

pos infundáveis... à espera da automotora.

Assim, quem estas linhas escreve, na melhor das intenções, esperou, há dias, na passagem de nível do sítio designado por Vale Carangueijo, entre Tavira e a Conceição, o melhor de 27 minutos, isto é, o tempo que um automóvel leva a percorrer, em andamento normal, a distância que vai desta vila a Tavira.

Desta forma, não só se prejudica a camionagem, que se vê impossibilitada de cumprir horários, com tais demoras, como se impede, a quem viaja por estrada, de chegar ao local do destino a tempos e horas.

Ter-se-á convencido a C. P. de que a estrada é sua propriedade privada?

Não sabemos.

Entretanto, aqui fica o problema. Deixamos às abundantes engenharias da C. P. o cuidado de resolvê-lo—como é necessário e urgente!

ALGUNS COMENTÁRIOS DUMA CONFERÊNCIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

e a direcção política e colectiva torna-se sem força e sem objecto.» A sociologia segue o método das demais ciências. Vai buscar as primeiras conclusões aos fenómenos simples e, de posse destas, estuda os casos complicados e procede às generalizações. Daí dizer-se que a sociologia moderna se socorre do «método indutivo» para determinar, pela análise e pela comparação dos factos sociais, as leis que os regem. Trata-se duma ciência da sociedade, que inicia o seu estudo nos pequenos agregados sociais, seguindo a norma de Descartes, que impõe o caminho do mais simples para o mais complicado e do caso particular para o caso geral.

Ora, sob este ponto de vista, o desporto fornece-nos uma espécie de hierarquia, pela maneira como está organizado, isto é, apresenta-nos um género de cadeia (Clubes-Associações-Federações etc.) digna de análise, posto se apresente susceptível de fornecer muitos ensinamentos aos que estudam o fenómeno geral da sociedade.

E' claro, deste modo, o desporto aparece-nos como um mero colaborador ou, se quiserem, como um dos muitos laboratórios onde a sociologia, seguindo o método positivo, vai buscar as suas dificuldades e nem sempre definitivas conclusões.

Não parece, assim, lícito falar-mos duma sociologia do desporto, porque embora exista uma *sociologia desportiva* não é menos certo que ela constitui uma minúscula parcela da Nação e da humanidade. Porém, poderemos evocar uma ciência aplicada ao desporto, que se equipare ao grau das ciências sociais (que costumam dividir-se em económicas, morais e políticas), porque, tal como estas, também o desporto tem a sua história, e um sistema de evolução no espaço e no tempo.

* * *

Uma série de considerações se podem fazer, analisando os casos de modo inverso. Não há dúvida nenhuma de que o desporto, movimentando as massas, transcendeu-se a si próprio, gerando interesses à sua volta, movimentando capitais, arrastando populações e... em certos aspectos, tornou-se até susceptível de dulcificar os problemas mais cruciantes que pesam na vida dos trabalhadores. Deste modo, elevou-se, de simples passatempo de horas de ócio, a verdadeiro fenómeno social, que orientado devidamente, se poderá transformar num factor de progresso ou num factor de retrocesso, consoante a directriz que lhe for imposta.

Parece ter sido esta a tese do cap. Celestino Marques Pereira, porquanto, tendo dividido o seu trabalho em 3 partes, julgo ter percebido que a última tratava precisamente das condições a introduzir no desporto para o integrar no fenómeno social total.

Esta minha dúvida pode ter duas causas: A primeira, com origem na minha pouca preparação

DELIBERAÇÕES CAMARÁRIAS

EM sua última sessão, a Câmara Municipal desta vila, sob a presidência do sr. dr. Alonso Vasques, tomou as seguintes resoluções de interesse para o nosso concelho:

● Criação dos Serviços Municipalizados de Água e Electricidade, para abastecimento não só desta vila, como também de Monte Gordo e da vizinha vila de Castro Marim, no que respeita ao fornecimento de água.

Esta deliberação terá de ser homologada pelo Governo.

● Nomear, como representantes desta Câmara, para o cargo de vogais da Comissão de Avaliação Permanente da Propriedade, neste concelho, os srs. Alexandrino Guerreiro Cavaco (secção urbana), e Faustino de Sousa Oliva (propriedade rústica).

● Adjudicar definitivamente, pela importância de Esc. 289.900\$00, ao empreiteiro, sr. Sebastião de Sousa Barra, a obra de construção do caminho de acesso à Praia de Santo António.

para entrar «de ouvido» em matérias tão eruditas; a segunda, proveniente do facto do conferencista ter pretendido valorizar o seu trabalho, levando-o para além dum limite, só acessível a um auditorio de especialistas e impróprio para a Casa do Algarve, que é uma amalgama de gente de todas as categorias sociais e de todas as culturas, porquanto se trata duma colectividade regionalista e não duma associação científica. Neste ponto, o cap. Marques Pereira, esquecendo as suas indiscutíveis qualidades de sociólogo, preferiu apenas falar para os que compunham a mesa de honra, deixando a assistência a braços com a dívida constante, que é sempre má conselheira em presença da ignorância e... só serve para aumentar esta!

A conferência, que nos foi dado ouvir, transcendeu os limites da pretensão puramente cultural que, tudo leva a crer, se tinha em vista. E isto, porque aquilo que o cap. Marques Pereira disse, embrulhado em muita erudição, obriga à existência dum saber especializado e, de mais a mais, especializado na ciência mais difícil de quantas ciências existem, visto depender directamente dos elementos fornecidos por todas. Assim, ao saber especializado, haverá que somar ainda uma certa dose de conhecimentos enciclopédicos!

* * *

O cap. Marques Pereira realizou um brilhante trabalho, que gostaríamos de saborear impresso. Mas... ao invés, a Comissão Cultural da Casa do Algarve prestou um péssimo serviço à missão a que meteu ombros, tanto mais para lamentar quanto é certo tratar-se do início dum ciclo de conferências que, infelizmente, teve fraca concorrência.

E já que estamos portas a dentro dos domínios da sociologia, lembremos que uma Comissão, que se ergue sob o signo da cultura (e neste caso da cultura popular, como não podia deixar de ser) tem uma função social a cumprir: Dar luz à massa associativa da colectividade que pretende servir.

Com os olhos postos neste ideal, a questão de prestígio deve ser um elemento secundário, a sacrificar para que resulte proveitoso o objectivo a atingir. Assim, a Comissão, antes de se decidir na escolha dos conferencistas, deve primeiro estudar a natureza dos auditórios e assentar nos temas, para que o interesse se pague e não viva da ficção de *convites especiais*, que antes de servirem a causa do povo, apenas alimentam outras causas que... não explano, por desnecessidade de me alongar em mais verdades desagradáveis.

Nas palavras prévias, pronunciadas a título de apresentação do cap. Marques Pereira, o presidente da Comissão Cultural da Casa do Algarve lamentou não existir público que correspondesse à categoria mental e ao nome ilustre do conferencista, atribuindo algumas culpas à Comissão de que fazia parte, que, conforme disse, era constituída por elementos assoberbados de imensos afazeres e, logo, impossibilitados de dar aquele concurso que seria de desejar.

Daqui se tira o conceito básico que orienta a actividade da Comissão: O êxito das reuniões culturais da Casa do Algarve não provém do seu interesse intrínseco, mas antes do esforço, aliado ao prestígio, desses tais elementos, assoberbados de afazeres, que compõem a tal Comissão e asseguram os êxitos, quando têm tempo para arrastar às conferências a numerosa roda dos seus amigos. Um tal princípio não pode conduzir a resultados culturais. Tudo quanto produz são reuniões mundanas que, rotuladas convenientemente, servem para ilustrar o Relatório de Contas duma Gerência, sem terem cumprido a sua finalidade social!!

Esperávamos que na abertura dum ciclo de conferências nos fosse anunciado o plano do mesmo. Pelos vistos, não existe plano! E isso é que é de lamentar.

J. Silva Carvalho

CORTE DE COSTURA

Irma dos Mártires Mateus participa que abriu uma inscrição para corte e costura, em conjunto, habilitando as alunas a aprender a confecionar todos os trabalhos referentes ao mesmo curso.

Preços módicos. Quem pretender inscrever-se pode fazê-lo na Rua Teófilo Braga, n.º 59, nesta vila.

UMA CAMPANHA EM MARCHA

MAIS DONATIVOS

PARA AUXILIAR A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL-SEDE

PARA OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

PROSSEGUE a recolha de donativos para a edificação de um quartel para os Bombeiros Voluntários da nossa terra, entre os quais se destaca hoje a entrega de uma valiosa dádiva de um nosso conterrâneo, actualmente residente em África. O nosso amigo António Teixeira de Moraes, dedicado admirador da Causa dos Bombeiros, volta a inscrever o seu nome na lista dos subscritores que compreendem todo o alcance benemerente do movimento em curso e, praticamente desejam auxiliá-lo. Assim, a sua segunda cooperação, gratamente assinalada, é-nos remetida de uma longínqua localidade da nossa África, acompanhada de belas e reconfortantes palavras de incitamento «pois a obra é útil, nobre, necessária e justíssima», como nos diz, em sua carta.

Com os nossos cordiais agradecimentos a todos quantos se dignaram enviar-nos a sua colaboração, indicamos, a seguir, a presente posição do Fundo Pró-Quartel dos nossos Bombeiros:

Transporte	11.159\$00
Donativo do sr. António Teixeira de Moraes	200\$00
Donativo de M. M.	1\$00
Uma Maria	1\$00
Um alentejano	2\$00
Soma	11.363\$00

A CONSTRUÇÃO DO BAIRRO PARA PESCADORES EM MONTE GORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Temos procurado, como todos sabem, e sem nos pouparmos a esforços, não apenas realizar obra de assistência, mas criar novas condições de trabalho aos pescadores portugueses.

Temos lutado para os livrar da usura dos diversos «cambões», que os asfixiava; para os livrar dos tugúrios miseráveis em que viviam; para os afastar da taberna e do alcool, que os atrofiava e lhes matava os filhos; da ignorância que os impressionava perante os outros, e, sobretudo, perante os que, nada arriscando, viviam à custa do seu trabalho — um trabalho que é, mais do que nenhum outro, cheio de sacrifícios e perigos, que só têm os que andam sobre as águas do mar.»

E, seguidamente:

«A vida dos pescadores locais ainda é má. As suas condições de trabalho não evoluíram tanto quanto desejariamos. Garantir trabalho suficiente, durante o ano inteiro, é objectivo que ainda podemos alcançar — sem que o facto signifique que perdemos a esperança de o fazermos um dia. Mas muito nos pesa, às vezes, não lhes poder assistir tanto quanto precisamos e resolver por completo o grave problema que para todos é manter um lar.»

Anunciou, ainda, como realizações para muito breve, o aumento do número de moradias do Bairro dos Pescadores da Fuzeta; a construção do Centro de Assistência Social de Sagres e um outro na praia de Quarteira.

TRAINEIRA Santa Luzia

FOI lançada à água, no passado dia 11, conforme já tínhamos anunciado, a traineira Santa Luzia, propriedade do sr. Joaquim Barqueira, a qual seguirá brevemente para Luanda, visto destinar-se à pesca nas costas de Angola.

Trata-se de mais uma importante unidade pesqueira, construída nos estaleiros do nosso prezado amigo, sr. António Pena, desta vila.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 5 a 11 de Novembro:

TRAINEIRAS

Maria Rosa	73.990\$00
Flor do Guadiana	67.730\$00
Persistente	61.945\$00
Liberta	57.780\$00
Deolinda Rita	57.505\$00
Flor do Sul	51.930\$00
Raulito	49.115\$00
Tôluiz	48.935\$00
Pérola do Guadiana	44.135\$00
Tufão	43.940\$00
Infante	37.930\$00
Bátnha	33.890\$00
Sam Domingos	23.255\$00
Janita	17.070\$00
Agadão	15.490\$00
Orresse	14.610\$00
Restauração	4.315\$00
Lola	1.990\$00
Total	705.555\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 5 a 11 de Novembro:

Entrados:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
ROLANDSECK, Alemão, de 857 ton., de Aiamonte, com pirites, em trânsito.

Saídos:

ZÉ MANEL e COSTEIRO, Portugueses, ambos com minério, para Lisboa.
ROLANDSECK, Alemão, com conservas e cortiça, para Hamburgo e Roterdão.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 13 a 19 de Novembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 24
MATOSINHOS

Sindicato dos MOTORISTAS MARÍTIMOS

COM sede em Olhão, constituiu-se o Sindicato Nacional dos Motoristas Marítimos e Fluviais do Distrito de Faro, o qual tem por função representar legalmente, dentro da organica corporativa, todos os individuos que neste distrito exerçam a profissão de motoristas e ajudantes, em barcos da Marinha Mercante Nacional, nos serviços costeiros ou fluviais. Este sindicato tutelará os interesses dos seus filiados, perante o Estado e outros organismos corporativos e de coordenação económica, podendo negociar e firmar convenções colectivas de trabalho.

Para a inscrição neste sindicato, cuja jóia é de 50\$00, deverá ser preenchido um boletim de inscrição, juntado-lhe 2 fotografias, até ao dia 5 de Dezembro próximo.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS
A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SECÇÃO DE CINEMA

por VITORIANO ROSA

Cavalcanti no Brasil

Alberto Cavalcanti, definitivamente fixado no Brasil, sua pátria natal, continua desenvolvendo uma intensa actividade em prol do cinema brasileiro, quer como produtor e realizador, quer participando em conferências e congressos progressistas.

Todavia, o seu último filme «O canto do mar» não granjeou aplausos gerais nos sectores intelectuais honestos e imparciais. O escritor Jorge Amado interveio em defesa do famoso cineasta, com uma «carta aberta» de grande interesse dirigida a um crítico de um importante diário. As opiniões contraditórias prevalecem, apesar de tudo, não obstante mesmo o prémio obtido por «O canto do mar» no Festival de Karlovy Vary.

Enquanto o filme não é estreado em Portugal (e infelizmente nós não o vimos ainda nas listas dos distribuidores) publicamos as opiniões críticas do escritor Salim Miguel, extraídas de uma carta sua, reservando para outro número os comentários de Jorge Amado.

«O canto do mar», visto por Salim Miguel

Assisti ao último filme de A. Cavalcanti, «O canto do mar», refilmagem de um antigo filme dele «En rade», da fase da vanguarda francesa. Quase nada sei a respeito da versão original, a não ser que é bastante elogiada pelos estudiosos. Da actual não gostei. Aliás, devo esclarecer que foi bastante modificada, adaptada ao Brasil. Não me convenceu. Vê-se que Cavalcanti entende do riscado, a fita é bem dirigida, ele se esforça, a fotografia é ótima, os primeiros minutos também, mas nada disso basta. Falta unidade à história, falta humanidade à história, muito embora Cavalcanti tenha desejado carregar todo o filme de humanidade. Os personagens não convencem e os actores são péssimos. Uma pena! Em algumas cenas, o director dá a impressão de um estrangeiro chegado ao Brasil e que se houvesse encantado com o folclore do país. Sem que nem porquê, lá deixa a história e vá dança, e vá dança, e vá costumes, e vá mais isto e mais aquilo, e no fim a história se dilui, se perde. Uma pena!

CINE-POZ

Apresenta, hoje, o espectáculo de profundo dramatismo, *Regresso à vida*, com a magistral interpretação de Antonella Luaidi, Paul Campbell e Vera Carmi. Uma verdadeira obra prima de sentimento e de amor, e apaixonante valor humano.

(Espectáculo para maiores de 18 anos).

Quinta-feira, 18, um grandioso programa duplo.

Cruel perseguição, em technicolor, com Linda Darnell e Robert Mitchum. Uma mulher, que procura uma oportunidade para redimir a sua vida, sofre a mais cruel perseguição de um antigo «gangster», tendo sobre a sua cabeça uma constante ameaça.

O preço da fama, com Claire Trevor e Sally Forrest. Conquistou os melhores troféus e o mundo inteiro aclamava-a.

(Espectáculo para maiores de 18 anos).

Domingo, 21, e segunda-feira, 22, a obra-prima, *Luções da Ribalta*, com Charles Chaplin.

2.282 filmes em 1953!

Durante o ano de 1953, foram produzidos em todo o Mundo 2.282 filmes de grande metragem.

Por países, a produção atinge as cifras que, por ordem, se indicam:

- 1.º, Estados Unidos, 356;
- 2.º, Japão, 302; 3.º, Índia, 275;
- 4.º, Rússia, 250; 5.º, Itália, 146;
- 6.º, México, 122; 7.º, França, 111; 8.º, China, 110; 9.º, Filipinas, 91; 10.º, Alemanha Ocidental, 82; 11.º, Egipto, 72;
- 12.º, Grã-Bretanha, 71; 13.º, Argentina, 55; 14.º, Espanha, 44; 15.º, Brasil, 32; 16.º, Áustria, 28; 17.º, Suécia, 25; 18.º, Finlândia, 21; 19.º, Dinamarca, 16; 20.º, Polónia, 14; 21.º, Turquia, 12; 22.º, Hungria, 12;
- 23.º, Jugoslávia, 12; 24.º, Portugal, 4; 25.º, Canadá, 4; 26.º, Holanda, 4; 27.º, Noruega, 4;
- 28.º, Suíça, 3; 29.º, Israel, 2; 30.º, Chile, 2.

(Segundo uma relação elaborada pela União de Grêmios dos Espectáculos).

14 combinações diferentes de técnicas modernas

Segundo as últimas informações, as novas produções americanas, adaptadas às técnicas modernas, podem ser fornecidas em 14 combinações diferentes de som e imagem:

- 1—Cópia «standard» e som «standard»;
- 2—Cópia «standard» e cópia estereofónica separada;
- 3—Cópia «standard», cópia estereofónica separada e efeitos especiais na pista óptica;
- 4—Relevo com dois filmes separados;
- 5—Relevo com os dois grupos de imagens numa única cópia;
- 6—Relevo com dois filmes e cópia com som estereofónico de 4 pistas;
- 7—Cinemascópio de 4 pistas;
- 8—Cinemascópio com só uma pista óptica;
- 9—Cinemascópio com som direccional «Perspecta»;
- 10—Cinemascópio com uma só pista magnética;
- 11—Cinemascópio reduzido a uma cópia «standard»;
- 12—«Vistarison» com som «Perspecta»;
- 13—«Vistarison» cópia «Superscope» com som «Perspecta»;
- 14—Cópia «Superscope» de filmes «standard».

(Segundo uma relação elaborada pela União de Grêmios dos Espectáculos).

Tinturaria Portuguesa
APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

GRUPO DRAMÁTICO «GIL VICENTE»

NO dia 17 do corrente, pelas 21,30 horas, efectuar-se-á, no Salão de Festas do Glória F. C., um espectáculo teatral, em que será levada à cena a peça «As Duas Máscaras», de Eduardo Schwalbach, com desempenho a cargo dos amadores locais que fazem parte daquele agrupamento dramático. No fim, haverá um esplêndido acto de variedades, e o espectáculo terá a colaboração da Orquestra «Ibérica».

Os bilhetes já se encontram à venda, na Livraria «Ibérica», de A. Vicente Campinas.

Admissão aos Liceus e Escolas Técnicas
EXPLICAÇÕES DE FRANCÊS E INGLÊS
HABILITA-SE
Informa-se, na Rua Barão de Rio Zévere, 58 - Vila Real de Santo António.



DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO DISTRIITAL da 1.ª Divisão

LUSITANO, 8 — C. F. Esperança, 0

Árbitro: José Nunes, Faro.

Lusitano: Rodrigues; Rui e Pescada; Lopes, Samina e Agostinho; Almeida, Travassos, Antunes, Estêvão e Mateus.

C. F. Esperança: Castela; Furtado e Espanha; Teodoro, Vital e Paixão; Adelino, Narciso, Cici, José Rosa e Américo.

Resultado do 1.º tempo: 4-0

Marcadores: Travassos, Lopes, Antunes (4), Mateus e Almeida.

O Lusitano não chegou a encontrar dificuldades de maior, nesta partida contra os lacobrigenses, pois o resultado foi tomando expressão com a regularidade necessária para afastar quaisquer apreensões.

Começou a partida, praticamente, com a obtenção de um tento. Aquele tento, que predispe uma equipa para a luta, servindo-lhe de trampolim para uma exibição tendente ao agradável, já que o antagonista de antemão se apresenta como equipa de menores trunfos, e mesmo esses, tendo que apresentá-los em campo aberto, se quiser discutir um resultado favorável.

Assim aconteceu, no passado domingo, aos visitantes que não tiveram tempo para uma organização defensiva eficiente, sem correr os riscos de renunciar à conquista de pontos.

Não foi, portanto, difícil, a construção de tão robusto resultado, mas devemos acrescentar que o mesmo se deve mais às facilidades concedidas pela inesperienza dos visitantes do que à produção de jogo dos locais.

Efectivamente, nunca houve da parte dos vencidos a mais leve intenção em se disporem de forma a evitar um «score» elevado. Ao que assistimos, foi a um encontro em que os lances se disputavam, com frequência, perto das balizas, tanto de vencidos como de vencedores, demonstrando, assim, um certo entusiasmo por parte daqueles, mas aliado à inoperância do seu ataque, de mãos dadas com a fragilidade dos seus sectores atrasados.

Sem produzir exibição famosa, o que também seria pedir muito para um primeiro jogo, o Lusitano limitou-se a explorar aquelas falhas, servindo-se, para tanto, da sua maior experiencia e força individual. Ainda é muito cedo para aquilatar as possibilidades da equipa, no torneio em curso, porém aguardamos com certo interesse que no decorrer da prova e quando a sua preparação já tenha atingido um ponto mais elevado, ela nos dê a medida justa dos seus recursos e corresponda às responsabilidades do Clube.

Também não será o momento próprio para apreciar a utilidade dos elementos que a compõem, pois o adversário de domingo, como já dissemos, não foi o osso que possa servir como pedra de toque, mas registemos já, como notas agradáveis, o útil aproveitamento dos veteranos Lopes e Almeida, bem como as promissoras exhibições de Travassos e Antunes, ambos com muita codicia pela baliza. O avançado-centro prova-o bem, com quatro tentos no seu activo.

Dos visitantes, não descorrimos quem tivesse sobressaído; todos actuaram em fraco nível.

A arbitragem também não teve dificuldades a resolver, nem mesmo no capítulo disciplinar, os contendores deram trabalho.

J. C.

VINHOS
Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

CAMPEONATO NACIONAL da II Divisão (Zona Sul)

Estoril, 1-Portimonense, 1

Há que dizer, desde já, que o empate dos algarvios, embora possa surpreender, surgiu como desfecho lógico da partida entre portimonenses e estorilenses, realizada, no passado domingo, no campo da Amoreira, em Lisboa.

Foi o grupo algarvio que melhor resultado obteve na 10.ª jornada do Nacional. Dos lisboetas, distinguiram-se Alberto, Morais e José Maria. Nos visitantes, a defesa foi o sector mais homogénio.

Arroios, 4 - Oihanense, 2

O Oihanense, na sua 2.ª deslocação à capital do País, foi bastante infeliz, pois perdeu, mercedamente, por 4-2, depois de chegar ao intervalo a ganhar por 2-1. O lanterna vermelha cometeu uma grande proeza. No Oihanense, D.ª Duca foi a figura saliente, e nos lisboetas, Mário, autor de três tentos.

Farense, 4 - Beja, 1

A partida disputou-se num terreno que resistiu soavelmente às chuvas da manhã. Assim, os jogadores habilidosos foram, durante os noventa minutos de jogo, os que menos futebol produziram, facto aliás compreensível. A vitória de 4-1, alcançada pelos alvi-negros, está muito além do futebol produzido por ambas as equipas. O Beja agradeceu imenso. Foi na verdade uma equipa com princípio e fim, ao contrário do Farense, que realizou o pior jogo do torneio.

Vinuesa, autor dos três golos e Rendeiro, pelo Farense, e Ventura, nas próprias balizas. O sr. Inocência Calabote não mostrou a sua classe.

Hoje: Oihanense - Farense

Mais um embate entre os eternos rivais vai realizar-se hoje, no Estádio Padinha, em Olhão. Fazemos ardentes votos para que vença o melhor, aquele que durante noventa minutos mostre mais valor. Na verdade, qualquer das equipas em luta tem um valor equilibrado, e a atestá-lo está o facto de se manterem com a mesma pontuação na tabela da classificação. No entanto, o S. C. Oihanense é o que mais probabilidades tem de vencer, não porque jogue junto do seu público, mas sim porque tem mais personalidade quando defronta os farenenses. Esperamos que a arbitragem do competente juiz, Joaquim Campos, seja a contento de uns e doutros. No próximo número, daremos um relato completo deste grande «derby».

Herculano Valente
Tinturaria Portuguesa
APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

Holland-America Line

AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª, L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL
Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido
“ALMDYK”
carrega em LISBOA em 26 de NOVEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:
«DRINA» — 23 de Novembro
«DALERDYK» — 2 de Dezembro

Para si, minha senhora BAGATELAS DA MODA 1955

O PANORAMA geral da moda para 1955 é francamente desagradável. Nos outros anos, vamos à modista e temos pena de não podermos fazer três, quatro ou cinco, dos lindos modelos que vemos desenhados.

Este ano, nada disso acontece. Necessitamos de um vestido, mas não nos resolvemos por nenhum dos modelos apresentados e, embora a modista nos garanta que ficamos «cantadoras» com um daqueles «vestidinhos-sacos, revoltamo-nos e saímos, continuando «sem nada que vestir». Evidentemente, a revolta é passageira, pois daqui a um mês, quando virmos as outras Evas usando os novos «vestidos-sweater» (com a cintura quase nas ancas), acabaremos por voltar à modista e capitular perante os pesadelos, que são os modelos 1955.

Nem tudo, porém, é fealdade na moda actual. Há, por exemplo, maravilhas no capítulo dos botões. Quase todos os vestidos têm o seu fecho de correr, na costura debaixo do braço ou nas costas, não exercendo o botão o papel para que foi criado: abotoar. Mas, não exercendo a sua função, desempenha outra mais importante: a de guarnecer.

Ora, não servindo para abotoar mas apenas para guarnecer, o botão 1955 tornou-se uma coisa linda, verdadeiramente — quase uma jóia. Todos os costureiros os espalharam pelos seus modelos. Há casacos abotoados de alto a baixo, como as batas das enfermeiras; há vestidos com três, seis, nove ou doze botões, em linhas, em triângulos ou em quadrados. Há botões nos corpos, nas saias e mangas. Vêm-se botões de madreperla em várias cores, ao lado dos botões de plástico, dos botões de vidro e de azeviche, dos botões de metal e dos botões de prata.

Cavalos, árvores, flores, brinquedos infantis, tudo serve para ornamentar um botão. Já apareceu mesmo um modelo trabalhado artisticamente com asas de borboletas, no estilo da pintura japonesa.

Outra curiosa bagatela é o chapéu de chuva. É um pouco mais curto do que o do ano passado, mas

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários
Vila Real de Santo António
CONVOCATÓRIA

A fim de se proceder à aprovação do ORÇAMENTO ORDINÁRIO PARA O PRÓXIMO ANO DE 1955, ficam por este meio convidados todos os sócios, para comparecerem na sede desta Associação, no dia 22 do corrente mês de Novembro, pelas 21 horas, onde se realizará a Assembleia Geral para o fim acima indicado.

No caso de não comparecer o número legal de sócios e em conformidade com o disposto no art.º 20.º dos Estatutos, fica desde já convocada segunda reunião, para o mesmo dia, às 22 horas, funcionando então com qualquer número de sócios presentes.

Vila Real de Santo António, 12 de Novembro de 1954.
O Presidente da Assembleia Geral,
a) José António Ritta

ganha-lhe em fantasia. Nos modelos mais caros, o tecido empregado é, quase sempre, o «nylon». As suas cores são as claras. Caíram de vez os tons neutros, os pretos e os azuis escuros. O modelo actual é rosa ou azul-pastel: é «beige» ou cor de mel; é cizento-pérola ou então do moderno tom «caramelo». O cabo é de fantasia. As cabeças dos animais continuam sendo o motivo favorito e, se em 1954 vimos modelos tendo no cabo minúsculos aquários com peixes vivos, em 1955 veremos alguns com pequenos aparelhos de rádio, servindo a ponteira de antena. Com este chapéu aberto, já a elegante pode esperar aquele eléctrico «que nunca chega», sem grande enfado. É que está escutando a última canção em voga ou a voz do locutor preferido. . . Outro modelo também de sensação é o que reproduz um pagode chinês. Muito bonito, mas nada prático, na verdade.

Outra bagatela da estação é a meia em cizento-claro. Começam todas a estar realmente fartas do eterno tom castanho — mais ou menos carregado — que há bastante tempo vimos usando. Creio, por isso, que a moda «pegará».

As luvas também são bonitas. Para as horas da manhã, usam-se em pele fina. Não são compridas e vêm em lindos tons dourados. De tarde, usaremos os tons pastel, sendo, muitas vezes, a luva da mão esquerda bordada a matiz com um motivo simples. Para jantar elegante ou para o teatro, há lindos modelos brancos, com uma rosinha bordada, também na luva esquerda.

Outra bagatela deliciosa de 1955 é a malinha de seda para as horas elegantes e para a noite. São confeccionadas com as mesmas lindas fantasias, daquelas que usam as nossas avós. Para a hora do jantar, fazem-se de «moiré» preto com pequenas barras de arminho ou, na sua falta, de coelhinho branco. Para o teatro, usam-se vários modelos confeccionados em sedas de fantasia. Um dos mais lindos é o de cetim preto, que fecha com um laço, rematado nas pontas com uma estreita franja de pequenas contas de vidro colorido.

E aqui tem, minha Senhora, como, num ano de moda realmente infeliz, há bagatelas tão bonitas que talvez a mulher 1955 consiga ser olhada como um ser delicado e gracioso e não como o fantasma da triste moda de 1925, de tão pouco saudosa memória. . .

Noémia Gil Faria

Falecimento

Joaquim Baptista Faleiro
Em 2 do corrente, faleceu, em Tavira, onde ultimamente residia, o sr. Joaquim Baptista Faleiro, de 78 anos de idade, funcionário superior das Alfândegas, aposentado, que durante muitos anos fez serviço na Delegação Aduaneira desta vila, onde contava numerosos amigos.
Deixa viúva a sr.ª D. Isabel da Encarnação Soares Santana Faleiro, a quem endereçamos sentidas condolências.

CASA
Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila.
Tratar na Avenida da República, n.º 118.

Cobrança

Informamos os nossos prezados assinantes de que estão à cobrança os recibos referentes à 8.ª Série de «Notícias do Algarve», números 71 a 80, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.
A falta de pagamento ao cobrador ou nas estações postais, dentro do respectivo prazo, implica a devolução dos recibos e, consequentemente, um agravamento de despesas, que a situação da Pequena Imprensa não comporta.
Contamos, por isso, com o bom acolhimento de todos.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

As grandes aspirações locais triunfam sempre com auxílio da Pequena Imprensa. Através das suas colunas, quantas obras grandiosas se têm construído e quantas injustiças têm sido reparadas! Ajudai-a, pois.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO II N.º 75

DOMINGO

14 - Novembro - 1954

Director
João A. Dias Pena
Editor e Proprietário
Armando R. Cruz

Ernest Hemingway

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cruciais da última guerra. Aliás, o próprio sr. Churchill jamais se considerara literato de pura estirpe, aproveitando os seus lares na pintura.

Mas as decisões de semelhantes juristas são inabaláveis, sólidas e rígidas como qualquer dogma. O Prémio Nobel, na literatura, tem sido atribuído a escritores de valor, mas também tem bafejado homens que o não mereciam. Basta lembrar o caso de Tolstói, que, morrendo em 1910, viu-se preterido por escritores insignificantes da categoria de Teodor Mommsen, José E Hegarar, Henrique Sienkiewicz, Paulo Hense, sendo alguns desses nomes hoje completamente esquecidos. Outro caso flagrante de injustiça foi o da candidatura de Emilio Zola. Tanto Tolstói como Zola mereciam-no muito mais, toda a sua obra de ficção representa, na literatura universal de todos os tempos, uma das construções mais belas e maravilhosas da difícil arte de escrever.

Estamos bem longe de contestar o valor de Hemingway e assim negar-lhe a justiça do prémio agora atribuído. Hemingway é um admirável narrador de histórias humanas, é um escritor de talento, embora a sua personalidade literária tenha muito de cabotino.

Não sei se amanhã resistirá ao tempo e se os vindouros o aceitarão, como o público de hoje está disposto a lê-lo e a discuti-lo. Não nos parece, no entanto, que Hemingway seja o escritor mais significativo do nosso tempo e da América. Hemingway é o escritor cosmopolita, desenraizado da sua terra, preso às aventuras ocidentais, atraído continuamente para uma única realidade da época: o aspecto brutal e violento que assumem certos acontecimentos da vida contemporânea. Homem inquieto — supunho-lo sem grandes convicções — a emoção artística desperta-lhe ante os actos violentos e selvagens, as situações humanas exasperadas e irremediáveis, os conflitos sem autêntico significado humano e, por isso mesmo, despidos de toda a explicação natural e lógica. Hemingway fixa a atenção num determinado caso, geralmente uma situação desesperada, e então, trata de analisar todos os sentimentos originados dum acto anterior que nem sempre se torna muito claro à inteligência do leitor. O seu belo conto *Assassinos*, uma bela demonstração do estilo sóbrio de Hemingway, testemunha com evidência o que acabamos de referir. O leitor toma contacto com o protagonista do conto, mergulhado numa atmosfera de angústia e pesadelo. Descobrimos que está a ser ferozmente perseguido, vemos as malhas do cerco a apertarem-se à sua volta, o sentimento do medo a anquilosar os nervos, mas o que nunca chegamos a saber são os móveis que motivaram a sua perseguição, ou a atinar porque esse homem se deixa esmagar, sem esboçar o mais leve gesto de defesa.

E' que Hemingway nunca indaga as razões que conduzem os homens a assumir esta ou aquela atitude, não procura investigar os motivos que determinam os actos dos homens. Afigura-se-nos, dado o esquematismo de muitas das personagens do autor de *Por quem os sinos dobram*, que essas figuras são puros automatismos, vítimas dum destino que se coloca acima de toda a vontade das pessoas, da sua determinação, das próprias leis fisiológicas ou sociais. A aventura chama-o, embriaga e enlouquece esse Hemingway. E todas as personagens sofrem desse amor à aventura, uma espécie de turbulento e moderno quixotismo, que só se explica por uma incompatibilidade com as leis sociais, um desejo muito vivo de libertação de pre-

conceitos, uma sede de fugir à rotina, ao rame-rame da corrupção dos dias iguais e monótonos. Nem quando Hemingway descreve os amplos quadros da guerra ou da Revolução Espanhola, se liberta da atracção da aventura, do episódio sangrento, de toda a morbidez das situações equívocas e irregulares. No fundo, é sempre o indivíduo entregue a si mesmo, mergulhado num denso nevoeiro de complexos — batido por violentos temporais, que o autor evita ou não pode convenientemente explicar. Narrador sóbrio, mas nem sempre usando da necessária clareza, Hemingway é primoroso na análise dos sentimentos, tais como: o medo, o heroísmo, a covardia, a brutalidade, o desespero. E' mesmo o aspecto animal no homem que mais detém a sua atenção. Uma das impressões mais vivas colhidas na obra do autor do *Adeus às Armas*, refere-se precisamente às descrições dos instintos primários.

Não podemos pensar em Hemingway, sem que venham associadas ao seu nome as imagens do homem desesperado, o homem atormentado pelo medo, solitário na vida, acuado a um canto dum quarto, ameaçado de perigos iminentes e inevitáveis. A nevrose do medo, ou a libertação do homem por um esforço «heróico» constituem o *leit-motiv* de toda a sua obra. Muitas vezes, ao lermos Hemingway, sentimos a desoladora impressão de que o nosso mundo não passa dum tremendo erro, um trágico absurdo. O *Adeus às Armas*, que alguns consideram justamente um romance de amor, nem por isso deixa de ser um livro pessimista.

Perdido o objectivo do amor, tudo se torna sem significado, tudo na vida perde interesse. Sim, esse livro é um romance de amor, mas também é um romance de dor e morte. Lá para a mesma densidade dramática e trágica dos contos e romances de Hemingway, as pernas amputadas, os gemidos dos homens feridos, a desesperança na vida, o cheiro do clorofórmio dos hospitais. Escritores pessimistas são quase todos os do nosso tempo, mes-

mo aqueles que, escrevendo condicionados a um programa de risonho optimismo, se libertam totalmente das influências sombrias da nossa época. Mas, mesmo nos escritores de feição pessimista como Dostoiévsky, onde a vida se traduz nas formas mais negativas e decadentes, há sempre um vislumbre de esperança, a existência dum mundo resgatado pela bondade e humildade. No autor americano, nem isso existe, dir-se-ia extinta toda a sede de beleza e de esperança na vida, para o homem. E a nossa época está condenada a dar unicamente obras negras, isentas de verdadeiros valores humanos — esse sentido trágico da nossa época está dado parcialmente nos livros de Hemingway — e o autor traduz, dum forma brutal, o egoísmo, a perfídia, o gangsterismo — aspectos dos mais cruciais da nossa civilização.

Sendo, incontestavelmente, o aspecto pessimista o mais evidente em toda a obra de Hemingway, é também o mais negativo e, paradoxalmente, o mais valioso nos seus processos literários. Mas, façamo-nos entender para que não nos atribuam juízos reservados ou confusos. Quando falamos de certos aspectos válidos da sua obra e destacamos precisamente os aspectos que a alguns se lhes afiguram negativos, temos em atenção a atmosfera de desespero que se espalha pelos seus romances, a simples e pura liquidação dum mundo que asfixia tudo o que é saudável, alegre e despreocupado — um mundo que, dia a dia, reduz toda a vida humana a uma aventura sem direcção e os homens a meros automatismos dum destino, que foge ao domínio dos seus cérebros e dos seus braços.

Ignoramos quais as razões que levaram os outros críticos da Instituição Nobel a atribuírem, este ano, o Prémio ao irrequeto e cabotino Hemingway, mas resta-nos saber que a lotaria poderia cair em mãos que a merecessem menos do que o célebre autor de *Por quem os sinos dobram*.

Rodrigues Pena

CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de uma frágil mulher é que só uma coisa resulta bem: combati-las.

Diário

A Helena vai ter o seu menino, em Dezembro.

Acaba de mo dizer.

Quando a vi, fiquei tão sombria! Haveria alguma novidade? Não seria que ela estava afinal, não. Seria, não estava.

Um sorriso de felicidade escorria-lhe pelo canto dos olhos, como gotas de mel de um copo demasiado cheio. Serena, sim. Não talvez um pouco receosa?

E com razão; a Helena teve aquela doença tão grave. Mas nem isso. Parece ser ela a única pessoa tranquila, lá em casa.

Há pessoas que nasceram para ensinar. A Helena é uma delas. Que bem ensina ela esta lição: a calma fez-se exactamente para os momentos difíceis...

Na Felra

É entrar, meus senhores, é entrar. Aproveitem a ocasião. Um escudo, apenas, para entrar na feira. Nada mais barato.

Quem não tem um escudo? Um escudo é uma coisa que quase não existe. Toda a gente tem um escudo. E' entrar! Por um escudo, podem ver como os outros se divertem, como os outros comem, como os outros são felizes.

E' entrar, meus senhores! Entrar com ordem, em silêncio e sem atropelar. Há lugar para todos assistirem. Um escudo, quem não tem um escudo? E' entrar, meus senhores!

Canção quase sem palavras

Poeta!
Semeador
de pão florido...

A tua vez chegou.

Flores

Menina de preto, toda de preto, de lacinho preto. Pois não há flores pretas? Há. Há flores tristes, de lacinho preto. Sofro que as flores humanas gozem, na natureza, de dois estranhos privilégios: serem pretas e tristes.

Marla Manuela Nunes

Ainda o «Rápido» do Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

reio e mercadorias), cujo peso não é sensivelmente inferior ao do «rápido», pelo que é forçoso inferir que não teriam sido motivos de segurança que determinaram a modificação do término. Todavia, ainda que, efectivamente, a causa que levou a C. P. à impopular medida fosse uma excessiva preocupação pela ponte sobre o Séquia — razão esta invalidada logicamente, como acima frisámos, pela manutenção doutros comboios — haveria, no entanto, maneira de obviar a tal inconveniente, aligeirando a composição. Assim, o «rápido» poderia sair de Vila Real de Santo António com três vagões de passageiros e atrelar-se-iam, depois, em Faro ou em Tunes, os restantes da composição habitual, com os passageiros procedentes de Barlavento, de preferência a ter-se recorrido à solução drástica de suprimir, pura e simplesmente, a formação ou a passagem dum transporte necessário, precisamente naquela região onde ele se evidenciava de maior utilidade e rendimento.

«A solução da automotora de ligação ao semidirecto, nas condições de horário em que fica estabelecida, não pode resolver a dificuldade nem diminuir o prejuízo. Pelo contrário, vem levantar problemas novos, que mais complicam a vida de quem porventura seja obrigado a utilizá-la dada a escassez de tempo para a mudança de comboio e aquisição de novos bilhetes, em Faro, despacho de bagagens, etc. — tudo isto agravado pela aglomeração, ao querer acondicionar corpos e «impedimenta», no reduzido lapso de oito minutos, se acaso a automotora não trouxer atraso. De salientar, ainda, o facto de que — mesmo que estas objecções de pormenor fossem sanadas por ulteriores alterações — sempre subsistiria o grave inconveniente de ter-se criado mais um transbordo incómodo e dispensável, o que não deriva certamente das directrizes duma organização, cujos serviços supõe-se deverem tender sempre a uma constante melhoria, visando a atrair passageiros, e nunca para o retrocesso, a não ser em emergências de carácter transitório e por motivos muito ponderosos.

«Convém, além disso, acentuar que o «rápido» do Algarve não é somente utilizado por nacionais, quanto a lota onde a sardinha tem obtido este ano a mais alta cotação é precisamente a nossa. Logo, não podemos constituir inquietação para o meio conserveiro nacional. E quase nas mesmas circunstâncias está Olhão. A «graça», portanto, não se entende connosco.

Advoga o entrevistado medidas de unificação de preços do peixe e das conservas, a fim de evitar a perturbação que as oscilações de preço causam nos mercados externos. Creemos que neste ponto o sr. Ferreira Barbosa tem absoluta razão. No que respeita à fixação do preço do peixe, parece-nos este ponto mais delicado. A não ser que se assegure ao pescador uma garantia razoável para o seu trabalho, entendemos que todas as limitações devem ser estabelecidas, com espírito cauteloso. Nada de criar atritos que queimem os bronzes da máquina...

F. M. R.

mas serve também a grande número de estrangeiros, pela sua ligação com a raia andaluza. Ora estes vêm agora seriamente comprometidas as suas condições de jornada pelo sul do nosso País, com um acréscimo de incómodos e desconfortos. A um viajante que, de Marrocos ou de Espanha, deseje atingir Lisboa, torna-se necessário suportar a «odisseia» de cinco transbordos... Em plena época de propaganda turística, visando a canalizar viajantes estrangeiros para o nosso País, através do sul de Espanha, não poderá subestimar-se a gravidade desta inoportuna contribuição para afugentar do Algarve os que nele não encontrem facilidades — antes pelo contrário.

«Por último, uma nota curiosa, que importa registar: Há meio século é Vila Real de Santo António o limite natural da linha do Sul, tendo-se procedido ao conveniente apetrechamento da sua nova estação, com instalações de assistência técnica e de resguardo do material de tracção, inexistentes em Faro, pela sua posição intermédia. Pois, acontece que é quando estas se completaram, que esta vila sofre uma baixa de categoria. No entanto, e mau grado ser a capital do Algarve o ponto escolhido para origem e termo do «rápido» (por que não, Tunes?), a locomotiva «Diesel» eléctrica, que faz a tracção deste comboio, terá de vir da mesma forma a Vila Real, para abrigar-se e sofrer as vicissitudes de rotina, antes e depois de cada viagem, por não existirem, em Faro, instalações adequadas para tal fim.

«Cremos que os argumentos apresentados pelos Municípios interessados, entre os quais o deste concelho, cuja exposição de protesto já foi apresentada à Direcção Geral dos Serviços Ferroviários, subscreta pelo seu presidente, sr. dr. Alonso Vasques, auxiliarão o critério esclarecido e a latitude de espírito dos dirigentes daquele organismo a encontrar uma justa e compreensiva solução susceptível de satisfazer o público, respeitando as legítimas necessidades das populações afectadas, sem comprometer o interesse nacional e os objectivos superiores da Companhia concessionária dos Caminhos de Ferro.»

F. M. R.

Ainda a Família

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

das que são devidas a uma servicial de mau servir.

E os filhos? Quantos há por aí, que, já crescidos, nem têm averbados os registos de nascimento.

E quantos o fazem em período legal? Ouve-se dizer com frequência: «A certidão diz que eu nasci a tantos, mas diz minha mãe que foi a tantos.»

Pequenas parecem estas coisas, mas que se avolumam e acarretam mau estar e desorganização. E' dever de todos reparar nelas e tentar encaminhá-las pelos carris da boa ordem.

E falando de filhos, não quero profundar os charcos de onde só miasmas se levantam, porque lá só a podridão se cria. Quantos encontramos, inocentes sem culpa e já com penas tão carregadas, que nem sabem no meio da confusão dos lares desfeitos ou nunca formados, qual é o seu pai, entre tantos homens que disputam ou repudiam a posse da mesma mulher. Não quero ir longe de mais.

Só comeci a traçar estas notas, para lamentar que o meu concelho marcasse, neste caso irregular e sombrio, lugar de proeminência onde já fileiram pessoas de teres e haveres que nem podem alegar insuficiência de bens às despesas a fazer.

Sei que foi lida e foi sentida a minha primeira nota. Se esta acentuar as impressões recebidas, já julgo o meu dever, nesta sentido, em parte cumprido.

Trindade e Lima

CASA

Aluga-se, na Rua Jacinto José de Andrade. Tratar no n.º 33 da Rua Miguel Bombarda.

EXPOSIÇÃO DE PINTURAS NA CASA DO ALGARVE

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

A exposição foi organizada pelo professor M. Calbet de Magalhães, artista e metodólogo distinto, reputado como uma das nossas maiores autoridades na matéria de pedagogia artística. Os trabalhos a apresentar foram seleccionados entre produções de crianças de todas as localidades algarvias, incluindo esta vila, e apresentam, como temas de composição, os seguintes motivos: Amendoeiras, Paisagens, Pesca, Vida Cidadã, Costumes, Retrato, Cenas históricas, Industriais, Festas e feiras, e Diversos.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

tas dezenas de toneladas. Em Outubro de 1952, as vendas atingiram 7.714.560\$00 e no ano findo, apenas 914.078\$00.

As armações de atum em 1914

Para se ver quanto tem decaído a pesca do atum por meio das armações, vamos dar os nomes das armações que em 1910-1914 existiam na costa algarvia, e a média dos peixes anualmente capturados: Ponta da Baleeira, 4.607 atuns; Ponta do Zavial, 871; Torre da Barra, 442; Cabo Carvoeiro, 214; Senhora da Rocha, 789; Olhos de A'gua, 742; Forte Novo, 654; Medo Branco, 1.048; Ramallete, 1.530; Cabo de Santa Maria, 77; Senhora do Livramento, 2.236; Barril, 1.341; Medo das Cascas, 1.384; Abóbora, 1.171 e Bias, 1.973. Destas quinze armações, apenas subsistem cinco, tendo-se abandonado a que dava então maior rendimento, a da Ponta da Baleeira, em Lagos. Pelas médias, verifica-se que as actuais armações realizam melhores pescarias do que há quarenta anos, o que se deve atribuir, talvez, ao seu melhor apetrechamento.

O produto total da pesca do atum, na costa algarvia, em 1914, foi de 502.292\$00.

A situação da indústria de conservas

O industrial de Matosinhos, sr. Ferreira Barbosa concedeu uma entrevista ao «Jornal do Comércio» sobre a indústria de conservas de peixe, entrevista que era antecedida de algumas apreciações do jornalista, o qual, entre outras, fazia a seguinte afirmação:

«A indústria portuguesa de conservas de peixe atravessa, neste momento, um período de franco optimismo, se considerarmos apenas as possibilidades de escoamento de todas as quantidades que se possam produzir no País, e os preços, sem dúvida, remuneradores podem ser obtidos sem esforço, nos principais consumidores.»

Por sua vez, o entrevistado disse:

«O comércio de exportação das sardinhas portuguesas mantém-se, pode acreditar, desde há já bastante tempo, em ritmo normal deveras satisfatório. Assim, tem-se exportado mesmo mais do que se tem produzido, o que quer dizer que se tem vindo a processar o escoamento de «stocks» acumulados em piores momentos ou épocas mais difíceis, escoamento esse que

atingiu a quase completa exaustão, antes do início da presente época de fabricação. Salientemos o reaquecimento do mercado inglês, havendo todas as razões para julgarmos que voltou a ser o mesmo que era antes da guerra, ou talvez ainda permitindo maior volume de negócios; a recuperação completa do mercado da Alemanha, apesar da situação especial em que esse país ainda se encontra, a ocupação de um lugar de primeiro plano por um mercado, o italiano, que antes da guerra tinha importância mais relativa, no que se refere às conservas em molhos, etc., etc.. Tudo isto compensa amplamente a ausência em fraqueza actual, por circunstâncias particulares, de alguns outros mercados secundários.»

Na sua apreciação, o jornalista afirma: «A abundância excepcional de sardinha nos centros de Centro e Sul, a preços relativamente baixos, tem causado perturbações de vária ordem no comércio das conservas e motiva, por maioria de razões, grande inquietação no meio conserveiro nacional.»

Esta afirmação, na parte que diz respeito ao centro conserveiro pombalino, repudiamos-la totalmente, por-